

AGOSTINHO NETO



Discursos - I

Comatadas

Discurso do camarada presidente na abertura da Semana de Defesa Popular

(8-9-75)

A Semana de Defesa Popular é um período de obras e de esforços para atravessar dos seus obstáculos desde algum tempo com a resistência do nosso povo à agressão imperialista, não é uma consequência dessa mesma agressão. O nosso Povo, o Povo angolano, é um povo disperso por um vasto território, mas a defesa de Cabinda ao Cunene é um Povo que ama a sua independência.

A pouco mais de dois meses do período formal para a independência do colonialismo português não poderemos apresentar uma independência total, numa independência completa que nos liberte, não só do colonialismo português mas também de todas as outras formas de opressão. E assim nós vamos contra o imperialismo. E nós nós vemos em diversas áreas do mundo que depois se vão concentrar em dois pontos — o Zaire e a África do Sul — uma pretensão de organizar forças, forças estrangeiras, forças mercenárias para manterem em Angola a dominação estrangeira. (...) Como aconteceu nos dois exemplos que agora podemos apresentar publicamente, do Zaire e do Sul, apesar da sua esmagadora maioria, em Luanda e em Cabinda, zairenses que vieram contribuir

LUCIO LARA

Camaradas :

A Semana de Defesa Popular que se inicia hoje é um período de organização de compreensão do problema de defesa popular generalizada que o MPLA através dos seus organismos tem estado a proclamar desde algum tempo. Essa defesa com a resistência do nosso povo à agressão externa, à agressão imperialista, não é senão uma consequência dessa mesma agressão. O nosso Povo, o Povo angolano, é um povo disperso por um vasto território que se costuma definir de Cabinda ao Cunene, é um Povo que preza, que ama a sua independência.

A pouco mais de dois meses do período formal para a independência do colonialismo português nós não podemos pensar senão numa independência total, numa independência completa que nos liberte, não só do colonialismo português mas também, de todas as outras formas de opressão. E assim nós somos contra o imperialismo. E, hoje nós vemos em diversas áreas do mundo que depois se vão concentrar em dois polos — o Zaire e a África do Sul — uma pretensão de organizar forças, forças estranhas, forças mercenárias para manterem em Angola a dominação estrangeira. (...) Como acontece nos dois exemplos que agora podemos apresentar publicamente, de Zairenses que se apresentaram, apesar da sua camuflagem toda, em Luanda e em Cabinda, zairenses que vieram contribuir

nosso movimento, mas em todo o país, nós contamos com o firme apoio do povo angolano, na ideia de formar de facto aqui em Angola uma nação única e independente. Nós somos pela unidade e pela independência. E é prosseguindo esta ideia, prosseguindo este propósito de fazer de Angola uma nação única e independente, fazer deste país uma Angola progressista, uma Angola democrática em que todos nós sejamos, pertencentes desta ou daquela classe, participantes do processo de descolonização, participantes do processo de renascimento do nosso país, que nós continuamos a agir. Nós não somos de maneira nenhuma uma organização que por estar na vanguarda do povo angolano pretenda, introduzir aqui no nosso território, no nosso povo qualquer ideia de filiação em tendências que apenas podem interessar a determinadas correntes no mundo internacional.. Nós somos neutrais na aliança dos conflitos internacionais e, se nós desejamos estabelecer relações com todos os países do mundo nós não viremos aqui defender este ou aquele país. Nós, não nascemos, como organização, para defender esta ou aquela tendência política ou ideológica daqueles que desejam ter maior influência no mundo. Nós não nascemos para defender este ou aquele elemento que está a desenvolver a sua actividade para demonstrar que o mundo ocidental é melhor que o mundo socialista. A nossa defesa não se faz no sentido de saber se o soviético é melhor que o chinês. Quer dizer que nós recusamo-nos em entrar nesse tipo de discussão para que a nossa política possa ser, realmente, uma política que nós sempre temos defenido como a política de independência. E, defendendo o poder popular em Angola, defendendo a organização

democrática em Angola, verdadeiramente democrática, defendendo as classes mais exploradas em Angola nós não defendemos, de qualquer maneira, uma corrente de opinião que seja contra este, ou contra aquele país. Não nos enfileiraremos contra a China ou contra a União Soviética e não faremos cruzadas contra outros países. Nós queremos simplesmente que o nosso povo tenha expressão como nação, como unidade, para defender os seus interesses mais sentidos, as suas aspirações, as necessidades que têm demonstrado necessário defender durante tantos séculos.

Eu penso que, camaradas, estas considerações breves que acabo de fazer sobre a nossa vida nacional deve levar-nos a reflectir, não sòmente sobre o jogo de forças que hoje se apresenta sobre o território angolano mas também para a nossa responsabilidade, a nossa responsabilidade como angolanos, como homens existentes em África e no Mundo. Nós temos uma responsabilidade e essa é de produzir, no dia 11 de Novembro de 75, uma nação válida. Para que nós possamos produzir essa nação válida, no dia 11 de Novembro, necessitamos de fazer esforço e esse esforço tem de ser necessariamente, contra os inimigos do nosso povo, tem de ser contra o imperialismo, contra o imperialismo que nos ataca, contra o imperialismo que, a cada momento, pretende destruir a nossa unidade como organização, a nossa unidade como país, a nossa unidade como nação. O perigo de cecessão está aí, nós o vemos. Tanto da fronteira norte como da fronteira sui os inimigos do nosso povo, os inimigos da nossa unidade estão avançando e nós temos a responsabilidade de defender o nosso território, defender a nossa nação, defender o nosso país. Façamos portanto,

camaradas, aquilo que é o nosso dever. Vamos, por todos os meios possíveis, utilizando todas as nossas energias físicas e morais, utilizando toda a nossa capacidade política e ideológica, resistir, resistir contra a acção do inimigo.

Eu creio que nós ainda possuímos, em nós, aquela possibilidade de rechassar tanto de um lado como do outro, tanto do norte como do sul a agressão inimiga.

Nós somos, neste momento, objecto da observação de um determinado mundo e, nós temos de fazer acreditar a esse mundo que o povo angolano que fez o 4 de Fevereiro depois de tantas outras datas históricas que escuso de mencionar, que fez outros actos depois do 31 de Janeiro, datas que nos levaram as situações políticas que foram apreciadas em todo o mundo, este mesmo povo, vai ainda mais uma vez demonstrar, através da defesa popular generalizada que o seu objectivo não foi esquecido e que o povo organizado, o povo ligado entre si por laços orgânicos bem determinados, este povo poderá resistir poderá continuar o seu combate pela independência, pela democracia, pela instauração em Angola de um poder popular verdadeiro. Nós todos acreditamos que a nossa vitória é certa.

Camaradas jovens
bertado de Angola

Discurso na abertura do I Encontro Regional da JMPLA

(10-9-75)

É com grande satisfação que nos encontramos aqui para a abertura do I Encontro Regional da JMPLA. Esta é uma iniciativa que nos esperamos, desde há algum tempo, que vai desenvolver certamente novas iniciativas no sentido de ligar, organicamente, com a realidade do nosso país, toda a juventude angolana.

Quero dizer que esta iniciativa, este trabalho de 3 dias que os camaradas vão fazer aqui, representa certamente o início da preparação do Encontro Nacional da Juventude. É com este espírito que nos olhamos para o Encontro e é com essa esperança que nós vemos aqui, neste momento, fazer planos de trabalho, de firmeza, dos órgãos do partido da juventude do partido.

É evidente que nesta situação que estamos a viver, na situação a que nos encontramos aqui, nós temos de ter plena consciência de que devemos fazer, quero dizer que devemos definir claramente como proceder a quais são os objectivos e fins a atingir.

É natural que essa os jovens haja necessidades comuns ou necessidades gerais, que são universais, que dizem respeito a toda e qualquer situação. O jovem é um ser humano que tem diante de si ainda uma longa vida, tem necessidade de se realizar em determinados domínios e, por isso, tem de defender os

«Camaradas jovens do Movimento Popular de Libertação de Angola :

É com imensa alegria que nós, o «Bureau» Político do MPLA soubemos da realização deste I Encontro Regional. Esta é uma das iniciativas que nós esperávamos, desde há alguns meses, iniciativa que vai desencadear certamente novas iniciativas no sentido de ligar, orgânicamente, toda a juventude do nosso país, toda a juventude combatente.

Quero dizer que essa iniciativa, esse trabalho de 5 dias que os camaradas vão fazer aqui, marcará, certamente, o início da preparação do Encontro Nacional da Juventude. É com essa esperança que nós olhamos este Encontro e é com essa esperança que nós vemos nesta sala faces cheias de esperança, cheias de firmeza, dos representantes da juventude de Luanda.

É evidente, que nesta situação que estamos a viver, na situação a que o nosso inimigo nos forçou, nós temos de ter plena consciência do que devemos fazer: quero dizer que devemos saber exactamente como proceder e quais são os objectivos e fins a atingir.

É natural que para os jovens haja necessidades comuns ou necessidades gerais, que são universais, que dizem respeito a toda e qualquer situação. O jovem é um ser humano que tem diante de si ainda uma longa vida, tem necessidade de se realizar em determinados domínios e, por isso, tem de defender os

seus direitos para a realização das suas aspirações e para a realização plena dos seus direitos. O jovem tem de ter direito à saúde, tem de ter direito ao estudo, ao trabalho, ao recreio, desporto, a participar de manifestações artísticas; tem direito ao casamento, constituir família. Todos esses direitos, que são universais, são também as aspirações da juventude de Luanda.

No entanto a par dessas necessidades gerais, haverá que mencionar as outras necessidades que derivam da situação especial que o nosso país está a atravessar.

Neste momento, todos nós sabemos, o país está a ser ameaçado de balcanização. A FNLA representando a força invasora vinda do Zaire, e incluindo zairenses e mercenários doutras nacionalidades, fixou-se numa pequena parte do nosso território, a Noroeste, e daí pretende alargar o seu domínio em Angola.

Nós não podemos aceitar como angolanos, como patriotas, o roubo de uma parte do nosso território nem a divisão do nosso povo.

A UNITA e as forças reaccionárias da África do Sul pretendem chamar a uma grande parte do nosso país «zona de sua influência», e utilizando também as armas, impedir a unidade dessa parte do nosso país ao resto de Angola.

Não sei em que tratados de Direito é que se inventou esta fórmula nova, para que, sob o pretexto da existência de «zonas de influência» dividir o país e dividir o povo, à base da lingua comum, à base duma origem tribal comum, à base enfim da existência sobre uma região.

O MPLA não pode aceitar esta tese das «zonas de influências» e a única tese que nós aceitaremos é a tese da unidade nacional.

Angola é um só país, os angolanos são um só povo e não podemos consentir, seja por meio de forças invasoras ou seus agentes no interior do país, que a nossa nação Angolana seja dividida em várias nações, e que o nosso país seja fraccionado em várias regiões com limites intransponíveis.

Aqui está uma situação, portanto, que nos tem obrigado a fazer de novo a luta armada, uma outra luta de libertação.

Os camaradas que vivem aqui, em Luanda, tiveram com certeza ontem momentos de alegria quando souberam que Caxito tinha sido libertada. Caxito é apenas um episódio nesta grande luta que estamos a travar e outras situações semelhantes vão ainda acontecer dentro dos próximos meses.

Nós teremos a todo o custo de refazer a unidade do nosso território, sejam quais forem as dificuldades que se nos puserem pela frente. Nós pensamos que a juventude não pode esquecer este facto que é essencial para o futuro da nossa Angola.

Certamente, que neste Encontro, essa preocupação virá ao de cima e ver-se-ão então as diversas formas de resistência ao inimigo, que a juventude poderá oferecer. O nosso Movimento preconiza a Resistência Popular Generalizada. Essa Resistência Generalizada é, naturalmente, multiforme: não é só a resistência por meio das armas para a defesa do território; é também uma resistência para superarmos as dificuldades económicas no país; é também a resis-

tência para nós podermos manter o nível de ensino, para que o estudo daqueles que necessitam de estudar, não pare; é sim uma resistência no sentido da defesa da nossa cultura. Se nos querem tornar zairenses, nós vamos resistir para continuarmos a ser angolanos; se nos quiserem fazer sul-africanos, nós vamos resistir para continuarmos a ser angolanos, ou mesmo se nos quiserem fazer americanos, nós vamos resistir para continuar a ser angolanos.

Portanto esta Resistência Popular é multiforme e ela deve ser compreendida em toda a sua extensão. Não podemos só localizar a resistência na organização de comités de defesa, nem na organização simples de comités de vigilância.

Não são somente as forças armadas, aqueles que são chamados para resistir ao inimigo, são todos os sectores da vida do nosso país. Portanto, esta consequência lógica da situação que estamos a viver e que obrigará a tomar uma posição, é um factor que, certamente, vai provocar neste Encontro uma situação em que os camaradas jovens tratarão certamente da Unidade. Da unidade dentro do Movimento, da unidade do povo, da unidade orgânica aqui em Luanda, da unidade orgânica com outras regiões que porventura não estejam aqui representadas, para nós podermos funcionar como organização, disciplinadamente, para atingir o fim que nós desejamos que é a Independência Nacional, a unidade nacional, a democracia e o progresso económico para o nosso povo.

Não deixarão certamente de invocar aqui o problema da disciplina; a disciplina que é necessidade para o militante poder contribuir duma maneira eficaz para a luta de libertação nacional.

Essa disciplina deve manifestar-se em todos os momentos da vida do militante e será bom que os camaradas insistam nesse aspecto para que nós possamos contar com um futuro em que a nossa Angola terá cidadãos que possam duma maneira consciente servir dentro dos limites das leis, servir os interesses do nosso país.

Há por vezes outro tipo de ameaças que pendem sobre o nosso Movimento, mas são ameaças de outro tipo; são ameaças que pretendem dissolver a nossa organização. Nós sabemos através da História que o MPLA foi objecto e tem sido até agora, de uma grande ofensiva do imperialismo, ofensiva que hoje se apresenta por um lado com o aspecto de agressão armada, mas também se apresenta muitas vezes como agressão ideológica, e como agressão política.

Muitas tentativas foram feitas, anteriormente, para diluir a linha política do nosso Movimento, porque alguns daqueles que são menos conscientes ou que são mais reaccionários, pretenderam moderar a linha do nosso Movimento. Pensavam-nos progressistas demais, e era portanto necessário que a Revolução conduzida pelo MPLA não fosse tão longe com seus objectivos, fosse sim, uma Revolução onde a própria reacção pudesse também encontrar lugar. E todos os fenómenos que vivemos antes do 25 de Abril, fenómenos de fraccionismo dentro da organização, todas as tentativas para incluir na direcção do nosso Movimento elementos moderadores, elementos que iriam defender uma linha política moderada, toda a capacidade de intriga do imperialismo e todas as manobras de corrupção foram feitas para que a nossa linha

política se desviasse daquilo que tinha sido traçado no início.

Nós até agora temos resistido, temos sido fiéis a nossa linha de defesa intransigente dos interesses do nosso povo, especialmente das classes operária e camponesa.

Este aspecto, eu menciono-o aqui, porque a juventude será também e tem sido alvo de ataques desse género. Hão-de aparecer aqueles que quererão dividir a juventude, que quererão introduzir elementos moderadores; hão-de aparecer aqueles que gritando palavras de ordem extremistas, ou citando manuais de clássicos revolucionários, vão tentar simplesmente criar ilhas, criar fracções dentro da organização da juventude.

Era necessário alertá-los desse perigo, que o fracccionismo é o princípio do fim. Uma organização que se fracciona, imediatamente funciona mal e pode até servir os objectivos imperialistas, como por vezes acontece.

Temos exemplos daqueles que, pensando estar a fazer uma tentativa de correcção da linha política do nosso Movimento, de facto servem os interesses do imperialismo. Portanto, na conjuntura actual, nós o «Bureau» Político do Movimento põe a sua esperança na realização efectiva dos objectivos deste Encontro e repito, que este encontro seja o início da preparação do novo e grande Encontro ao nível nacional. Que ele seja, portanto, um Encontro em que o debate seja sério, profundo, em que as análises não toquem somente a superfície, em que as críticas não sejam simples formalidades mas sejam realmente críticas e que terminem por autocríticas sãs, autocríticas ver-

dadeiras para correcção daquilo que suponho poder existir, os erros de cada um, os erros da própria organização.

Finalmente, o que nós pretendemos é que dentro de um país unido nós possamos construir uma Nação una, uma Nação independente e uma Nação democrática. Isso podemos nós fazê-lo, se todos tivermos esta consciência bem clara, e dentro dessa Nação os interesses da juventude e dos outros, mais velhos, os interesses dos representantes das diversas classes, operariado, campesinato, a pequena burguesia, eles todos terão o seu lugar para desenvolver as suas actividades e para poder viver dentro de uma Angola livre.

É tudo o que eu queria transmitir no início deste Encontro no nome do nosso «Bureau» Político, e digo com satisfação, porque esta iniciativa mais uma vez nos dá a certeza de que a nossa tarefa vai continuar até «a vitória certa» que teremos depois desta grande luta que estamos a fazer».

Discurso na sessão do encerramento do I Encontro Regional da JMPLA

(20-9-75)

Tivemos agora a camarada Mariana Machado da Freitas. Foi um prazer que eu tenha — dentro da juventude, as letras do combate contra o colonialismo.

O camarada Mariana é um dirigente da Juventude do Governo da República Popular da Argélia, é também um bom amigo desde há muito tempo. Com ele partilhámos períodos extremamente difíceis pelas nossas viagens ao exterior, e portanto é um camarada que conheço muito bem. Conheço também como talvez outros não o conheçam. Por isso as palavras que lhe vou a dizer são palavras de um amigo que conhece muito bem o caminho que estamos a seguir. Com certeza pode dar opinião sobre o que eu digo, mas esta é uma vida que se vive conjuntamente. Cada dos momentos.

Comrade do Conselho do Movimento Popular de Libertação da Argélia — não se deve esquecer pela natureza desta reunião, porque ainda não li as relações. Não gostaria de conhecer o conteúdo das vossas conclusões, mas creio que para o número de folhas de papel, parece que há alguma coisa lá dentro. Espero que na próxima semana as camaradas

Discurso na sessão
do encerramento do
I Encontro Regional
da JMLA

(29-8-68)



Tivemos agora a oportunidade de ouvir o nosso camarada Mariano Mashinha, membro do Comité Central da Frelimo. Foi uma honra para nós — é um prazer que eu tenho — termos neste final do 1.º Encontro da juventude, um camarada nas mesmas fileiras do combate contra o imperialismo e contra o colonialismo.

O camarada Mariano Mashinha, além de ser um dirigente da Frelimo, além de ser um membro do Governo da República Popular de Moçambique, é também um nosso amigo desde há muito tempo. Com ele passámos períodos extremamente difíceis, passamos pelas mesmas funções no exterior e no interior, e portanto é um camarada que conhece a nossa vida. Conhece Angola como talvez muitos angolanos não conheçam. Por isso, as palavras que lhe dedico, são palavras de um camarada que conscientemente conhece o caminho que estamos a seguir, e conscientemente pode dar opiniões sobre a nossa vida, que alias é uma vida que se constroi semelhantemente à vida dos moçambicanos.

Camaradas da Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola: não sei se os deva felicitar pela conclusão deste encontro, porque ainda não li os relatórios finais. Gostaria de conhecer o conteúdo das vossas conclusões, mas creio que para o número de folhas de papel, parece que há alguma coisa lá dentro. Espero que na próxima semana os camaradas

possam dar-me a ler, para conhecer as vossas decisões. Há uma coisa, porém, que não custa muito a ler, que são os nomes do corpo dirigente. São apenas onze, que os camaradas agora escolheram para poder dirigir a JMPLA de Luanda. Felicito os camaradas que foram eleitos, alguns dos quais já têm experiência de direcção, e espero que do seu trabalho e nesta altura resulte em avanço considerável da actividade da JMPLA.

Ultrapassa um pouco o recreativo e o artístico, para se lançar um pouco mais no político. Temos apreciado imenso a contribuição da Juventude na mobilização do povo através das suas actividades. E em toda a parte a Juventude tem actuado de maneira a entusiasmar e a mobilizar o povo. Pela sua música, pelas suas palavras de ordem bem ditas, pela sua simpatia natural, (visto que são jovens), pelos seus discursos e também pela sua actividade política, que nós desejaríamos ver aumentada.

Os camaradas do Bureau Político e do Governo mencionaram certos aspectos que não caracterizaram completamente, mas que me parece ser necessário caracterizar como actividades fraccionistas que existem hoje no seio da nossa juventude.

Duma maneira tolerante, o camarada Mariano disse que isso era fruto da impaciência, querer-se andar depressa o que é a mesma coisa. Por vezes as palavras brandas convencem mais que as palavras duras. Eu prefiro usar hoje uma palavra dura — FRACCIONISMO.

Há camaradas de facto que se aplicam a criar grupos ou organismos paralelos dentro do MPLA. Porque têm muito tempo para ler livros de autores revolucionários, conhecem muito de Lénine e de Marx, de

Mao e de outros; repetem constantemente frases desses livros sem querer saber da realidade angolana.

Às vezes mandam umas cartinhas para me convencerem das suas razões e de duas em duas linhas têm que citar uma frase de um grande revolucionário.

«Como disse fulano», «como disse sicrano», e o que disse fulano e sicrano tem de ser a bíblia para nós. Mas como o Bureau Político do Movimento já tem uma certa experiência, as coisas não pegam facilmente, e então arrajam grupinhos que deitam panfletos que não são assinados, porque não têm coragem para assinar os panfletos, e estes saem anónimos.

E às vezes são camaradas que trabalham na nossa rádio, que fazem propaganda de todas as revoluções do mundo menos da revolução de Angola. Falam de todas as vanguardas do mundo excepto do MPLA. E é assim que esses camaradas querem fazer a revolução. Quer dizer, fazem a conspiração dentro do Movimento. Isto não está correcto. Vamos discutir sim os nossos problemas, vamos discutir os problemas ideológicos, vamos discutir os problemas políticos, mas nos recintos: do MPLA, como aqui por exemplo. Mas não vamos fazer sair para a rua aquilo que pode ser interpretado e tem sido assim pelo inimigo, como divergências fundamentais dentro do nosso Movimento. Não nos podemos dar ao luxo de procedermos assim. Porque nós todos e principalmente a juventude, que vai continuar esta revolução, tem que ter em consideração o nosso povo, as camadas mais exploradas do nosso povo, que não estão de maneira nenhuma neste processo de conspiração para a organização de linhas paralelas dentro do Movimento.

Vamos assumir as nossas responsabilidades de maneira a que nós possamos de facto oferecer ao nosso povo uma independência em que a unidade nacional seja uma base essencial para o progresso e que nós todos nos dediquemos a defender a nossa integridade territorial contra os inimigos do nosso país.

Estamos a aproximar-nos da data da independência do nosso país, e os camaradas sabem perfeitamente que a situação não é fácil, pois temos contra nós a FNLA e a UNITA e é possível que ainda apareçam mais inimigos como por exemplo os sul africanos ou outros. Tanto mais que Portugal e o seu Governo hesitam sempre e falam na intervenção da ONU aqui em Angola.

Nós temos portanto uma independência certa, mas não temos ainda a certeza de como é que essa independência chegará às mãos do povo Angolano. E por isso nós temos que essencialmente neste momento prepararmo-nos para essa fase.

A organização de juventude, todos os organismos de massas do MPLA, todo o nosso povo tem de preparar-se para suportar todas as dificuldades que houverem no momento da independência, porque vir-nos-ão dizer que há três movimentos de libertação e portanto havendo três movimentos de libertação é difícil saber-se a quem transmitir o poder. Para nós, sobre esse assunto não há dúvidas nenhuma. Em Angola não há três movimentos de libertação, há um único movimento de libertação que é o MPLA, e há agrupamentos fantoches que fazem a rebelião. Fantoches que são auxiliados pelos imperialistas para fazer a secessão de partes do território, que podem pedir mercenários de toda a parte para nos comba-

terem, mas nós estamos conscientes de que só um movimento de libertação, o MPLA, é representativo do povo Angolano e é ele portanto que deve assumir a responsabilidade de Angola, durante o período que se seguirá depois do 11 de Novembro. Nós não podemos aceitar uma outra formula. Vir-nos-ão amigos e inimigos propor que façamos ainda mais concessões à UNITA, concessões á FNLA para a constituição de um Governo de Coligação. Para o Bureau Político aceitar estas propostas, a JMPLA não sei como reagiria. Possivelmente diriam que nós éramos revisionistas, ou qualquer coisa assim, não sei se haverá outros adjectivos a aplicar. E todo o nosso povo não aceitaria. Não aceitaria que nós voltássemos a fórmulas do Governo de Transição iniciado em 31 de Janeiro. As provas estão lá e são claras em como a UNITA e a FNLA manifestaram-se inimigos do povo.

Portanto, visto que existe esta situação que ainda oferece perigos, nós temos principalmente neste momento de nas tarefas diárias e programas de trabalho que preparar a nossa organização para o período da independência. Isto é o mais importante. Como é que se vai assumir o poder, como é que vamos fazer funcionar a máquina estatal, como é que nos vamos defender dos nossos inimigos. Certamente os camaradas estudaram este problema. Mas eu não quero deixar de o mencionar para que a direcção da JMPLA contacte o mais frequentemente possível o Bureau Político para nós discutirmos os problemas do dia a dia, para evitar este ou aquele inimigo.

A fase de preparação para a nossa independência, exigiu que nós lançássemos uma palavra de ordem :

Resistência Popular Generalizada. É preciso que nós obriguemos o povo a fazer a defesa do país. Defesa por todos os meios, que está a ser feita em Luanda e noutras localidades, talvez sem a velocidade que nós desejaríamos, mas com resultados satisfatórios.

Aqui também tem havido algumas divergências por causa do desejo de alguns organismos quererem ter o controle das milícias. O Bureau Político pensa que o controle de todas as forças devem estar nas mãos de um só organismo. Organismo dirigente militar que são as FAPLA. São as FAPLA quem dirige as forças regulares e dirigem também o comando da defesa popular.

De outra maneira podemos cair na anarquia. Na anarquia pensei eu quando fizemos combates aqui era Luanda, e em que o controle da tropa era muito difícil.

A organização da defesa popular generalizada, deve também provocar a formação de destacamentos femininos. Não temos muitos destacamentos femininos. E se a mulher ou rapariga se discrimina por si própria, ou pelo homem, pode participar na defesa contribuindo com destacamentos femininos. Deve provar uma adesão da juventude aos organismos da defesa popular. Quer dizer que todos devemos considerar-nos soldados, dispostos a pegar numa arma para combater no momento oportuno.

Portanto, fazer a preparação física e psicológica para participar no combate, é também um dever da juventude do nosso Movimento. Não basta fazer análises que muitas das vezes são correctas. É preciso é pô-las em prática. É bom pensarmos e tomarmos decisões para ver qual o caminho a seguir, mas depois

disso é necessário que se passe à prática. No que respeita à Resistência Popular Generalizada é preciso que cada um saiba manejar a sua arma, que saiba atirar e defender-se do inimigo, que saiba proteger o povo, que saiba portanto defender o seu país.

Estas são algumas das preocupações do Bureau Político que eu transmito aos camaradas da JMPLA, no momento em que se encerra o primeiro encontro regional de Luanda. E espero que as várias iniciativas que foram tomadas durante a semana, este encontro regional, a organização da defesa popular, o seminário de Malanje das comissões directivas, e brevemente creio eu o seminário da OMA, tudo isto se inscreva no programa de preparação para a nossa independência. Que nós tomemos muito a sério esta questão. Se nós demos um grande esforço noutras ocasiões para fazermos avançar a nossa luta, este é o momento para colhermos os frutos dessa mesma luta, fazendo um pouco mais de esforço para que não caia nas mãos de outrem.

O esforço é necessário fazê-lo. Muito obrigado.

Discurso no Colóquio sobre a II Semana de Luta pelo Poder Popular

(30-9-75)

Creio que não há de se louvar o esforço que as camaradas de todos os bairros de Luanda têm estado a desenvolver neste momento para que o Poder Popular possa ser uma realidade em Angola.

Com efeito os nossos inimigos, os imperialistas e os seus lacaios, continuam a desenvolver contra os interesses do nosso povo, e sobretudo contra os interesses das classes mais exploradas do nosso povo. Os imperialistas, mais uma vez como os camaradas sabem, organizavam no Uganda, na cidade de Kampala, uma conferência de conciliação, onde nós, o MPLA, deveríamos também estar presentes para nos reconciliarmos com a UNITA e a FNLA. Os camaradas

«É com grande prazer que em nome do «Bureau» Político do nosso Movimento, saúdo a realização da Segunda Semana do Poder Popular em Luanda.

Nós apreciamos altamente o esforço que tem sido feito pelos militantes em Luanda para consolidar a organização do Poder Popular. Os organismos que têm sido criados até agora e que têm desenvolvido a ideia da instalação de uma democracia em Angola que tenha um conteúdo popular são o próprio esforço que o MPLA tem desenvolvido desde 1956. Não há qualquer contradição. Há, pelo contrário, um complementar de esforços, há, pelo contrário, uma continuação daquele trabalho que muitos e muitos já não presentes no nosso meio, sacrificados pela luta de libertação nacional, seguiram até agora.

Creio portanto, que é justo louvar o esforço que os camaradas das comissões de bairro de Luanda têm estado a desenvolver neste momento para que o Poder Popular possa ser uma realidade em Angola.

Com efeito os nossos inimigos, os imperialistas e os seus lacaios, continuam a manobrar contra os interesses do nosso povo, e sobretudo contra os interesses das classes mais exploradas do nosso povo. Os imperialistas, mais uma vez como os camaradas sabem, organizaram no Uganda, na cidade de Kampala, uma conferência de conciliação, onde nós, o MPLA, deveríamos também estar presentes para nos reconciliarmos com a UNITA e a FNLA. Os camaradas

sabem que a posição do MPLA foi manifestada desde há muito tempo: nós não consideramos que a UNITA ou a FNLA sejam Movimentos de Libertação. Consideramos sim que são forças invasoras ao serviço do imperialismo e com as quais nós não temos mais nada que tratar. Nós, o MPLA consideramos que o único Movimento de Libertação em Angola é o Movimento Popular de Libertação de Angola.

Por isso, não temos que nos sentar outra vez à mesa de negociações com a UNITA e com a FNLA.

No entanto, ontem à noite, o senhor general Amin, telefonou-me para me pedir para estar hoje presente em Kampala. Nós temos profundo respeito pela OUA. O general Amin é o presidente da OUA. Nós não temos nenhuma intenção, nem como Movimento, nem, dentro de poucas semanas como Estado, de nos opormos à OUA. Não temos qualquer pretensão de provocar hostilidades entre Angola e os outros países africanos: nós queremos estar no concerto das nações africanas.

Por isso mesmo, enviámos uma delegação do «Bureau» Político, que partiu hoje para Kampala, a fim de explicar à comissão da OUA que está ali reunida, a nossa posição — por que razão é que não entramos mais no jogo de manobras que foram feitas desde o início da nossa luta de libertação e que consiste em conciliar nos momentos agudos o MPLA, a FNLA, e ultimamente a UNITA.

Portanto, os camaradas não se admirem de ver anunciada na Imprensa a presença do camarada Dilo-lwa e do camarada José Eduardo em Kampala.

Eles não vão lá para participar na conferência de conciliação mas sim para explicar à OUA, e sobretudo

ao seu presidente, o general Amin a posição do MPLA em relação a essas duas organizações fantoches.

«Com mais este acto de Kampala, nós podemos verificar que os nossos inimigos, os imperialistas, que tentaram dividir o nosso Movimento no passado, que tentaram envolver-nos por forças estranhas aos interesses do povo de Angola, continuam na sua acção e continuarão. Não pensamos que esta iniciativa da OUA seja uma iniciativa bem intencionada, porque foi precedida por várias reuniões e encontros em que o futuro de Angola foi tratado na nossa ausência. E os camaradas podem ver que se nós éramos esperados numa reunião internacional, desde há bastante tempo, é estranho que só ontem a noite, portanto na véspera da conferência nós tenhamos sido convidados por telefone, sem nunca termos sido contactados desde que a reunião começou a ser preparada.

«Isso mostra que há a intenção de nos pôr diante de factos consumados, que nós certamente não poderíamos aceitar.

Mas no interior, também, nós temos a agressão das forças que trabalham para o imperialismo em Angola: a FNLA no Norte e a UNITA no Sul. Nós temos guerra neste momento, e é preciso que não o esqueçamos. Os momentos que aqui vivemos em Luanda, momentos em que houve tiros, explosões, perseguições, desaparecimentos de muitos de nossos camaradas, o mesmo está a acontecer noutros locais. Creio que as comissões de bairro têm seguido este problema, estão conscientes daquilo que tem acontecido em Nova Lisboa, pelas informações que vêm dali. Sabem o que tem acontecido em Carmona e noutras áreas. Sabem o esforço que os nossos camaradas das FAPLA têm

feito para podermos opor uma resistência capaz às invasores no interior.

De facto, o nosso povo está a desenvolver um esforço extraordinário para parar a agressão do estrangeiro, e esse facto não deve ser esquecido pelas camaradas das comissões de bairro aqui em Luanda, onde neste momento pelo menos, não há tantas agressões como houve no passado. Há agressões doutro tipo, agressões que nós temos de parar, com a nossa decisão, mas que ainda não conseguimos parar totalmente».

«Creio, portanto, que esta discussão durante a Segunda Semana de Poder Popular não deve esquecer, não deve ser completamente alheia, àquilo que acontece. E o facto de estarmos a pouco mais de um mês do 11 de Novembro, deve fazer-nos pensar na necessária coesão das forças progressistas para podermos enfrentar os combates que ainda virão antes da independência. Ainda haverá choques com o inimigo, ainda teremos de resistir de uma maneira especial àquelas investidas que o inimigo vai oferecer ao nosso povo. Para isso, temos que estar preparados — preparados moralmente, preparados politicamente e preparados sobretudo ideologicamente para sabermos quem é de facto o nosso inimigo, quem é de facto o nosso aliado, quem é de facto o nosso amigo.

Por vezes fazem-se confusões — e as confusões não são nada benéficas. Quando damos ouvidos aos confusionistas, aos divisionistas, àqueles que preferem fazer a luta doméstica a fazer a luta pelo interesse nacional, estamos a prejudicar a nossa própria causa. Em vez de nos unirmos como um só homem para atacar o inimigo, que neste momento é o imperialismo

representado pela FNLA e pela UNITA, distraímos-nos com problemas bizantinos, com problemas que nem sequer deveriam ser focados neste momento.

Portanto camaradas, em nome do nosso Bureau Político mais uma vez agradeço à Comissão do Bairro do Sambizanga que quis enviar-me o convite para assistir a uma reunião das diversas comissões de bairro de Luanda, no momento em que se continuam a 2.ª Semana do Poder Popular.

Desejo que esta semana seja uma semana de consolidação dos organismos do Poder Popular em Luanda, que seja uma semana de planificação da linha política a seguir, que seja uma semana em que as tarefas das Comissões de Bairro sejam completamente definidas para que não haja fraquezas aqui e vacilações ali, por entre as diversas comissões da nossa capital.



Edição do Departamento de Informação e Propaganda — DIP

375
0001